

Quatro telas e um cotidiano: entre permanências e rupturas¹

Alice Melo Xavier²

Celestino Joanguete³

Universidade Federal de Santa Maria- UFSM

Resumo

Este trabalho analisa o papel de quatro telas — cinema, televisão, computador e *smartphone* — como dispositivos que moldam experiências comunicacionais individuais e coletivas no cotidiano contemporâneo. Parte-se da premissa de que os meios de comunicação não se substituem, mas se reorganizam conforme suas lógicas específicas, especialmente diante da transição do analógico ao digital. O objetivo deste trabalho, portanto, é refletir sobre como essas tecnologias reconfiguram percepções de tempo, espaço e sociabilidade. O estudo evidencia que essas tecnologias, ao se integrarem ao cotidiano, moldam práticas culturais e instauram novas formas de ver e se relacionar com o mundo.

Palavra-chave: Tecnicidade; Cultura; Analógico; Digital; Transformação midiática.

Introdução

A presença de múltiplas telas no cotidiano configura uma das transformações mais marcantes da vida contemporânea. Do cinema ao *smartphone*, vivemos uma trajetória de coexistência e reinvenção dos meios, em que cada nova tecnologia não necessariamente elimina a anterior, mas reconfigura seu uso, sua função e sua presença social. Trata-se de um processo de camadas, no qual o surgimento de novos dispositivos altera o ecossistema midiático e molda novas dinâmicas comunicacionais, incorporando diferentes lógicas técnicas, econômicas e culturais. Nesse cenário, entendemos que a noção de "tela" ultrapassa a simples materialidade do dispositivo: ela se torna interface simbólica entre o sujeito e o mundo, mediando experiências individuais e coletivas, atravessadas por rotinas, afetos e estruturas de poder.

Para seguir esta linha de pensamento, há de se fazer uma importante distinção entre os sistemas analógico e digital. Martino (2014) aponta que as mídias analógicas apresentam uma base material, como as ondas físicas do rádio e da televisão, enquanto nas digitais os dados são convertidos em números processados rapidamente por

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Midiática na Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Franciscana- UFN. E-mail: alicemeloxavier@gmail.com

³ Professor visitante na Universidade Federal de Santa Maria-UFSM e docente na Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique. E-mail: celestino.joanguete@ufsm.br

computadores. Essa mudança técnica impactou profundamente a produção, circulação e consumo de conteúdo, permitindo compartilhamento em rede, mobilidade e armazenamento em larga escala. Assim, a comunicação tornou-se mais fragmentada, interativa e contínua, consolidando a cultura digital como eixo central da vida social.

Este trabalho busca tensionar o papel do cinema, da televisão, do computador e do *smartphone* como dispositivos sociais e comunicativos que atravessam experiências tanto individuais quanto coletivas no cotidiano. Tais suportes, ao dominar o mercado tecnológico e estruturar práticas em áreas como o trabalho, a educação e o entretenimento, dentre outras, tornaram-se elementos indispensáveis para a compreensão da comunicação contemporânea. A imagem, fator comum a estes dispositivos, nesse sentido, é mais do que representação; é um operador social que orienta modos de ver, agir e interagir.

Partindo dessa perspectiva, este estudo adota uma abordagem distinta daquela proposta por Santaella (2008; 2015), que reconhece a mídia impressa como a primeira tela e organiza a evolução das interfaces comunicacionais a partir dessa lógica. Embora extremamente relevante e ponto de partida fundamental para este trabalho, essa proposta é tensionada aqui com a escolha do cinema como ponto inaugural, em razão de seu papel estruturante na cultura imagética moderna, seu trabalho com a visualidade em movimento e sua influência nos modos de sociabilidade mediados por dispositivos técnicos que envolvem materialidade e eletricidade.

Considera-se assim as quatro telas principais como cinema, televisão, computador e *smartphone*, cada uma delas marcada por uma lógica própria de funcionamento, mas articuladas historicamente pela centralidade da imagem e pelas transformações que promoveram nos regimes de sensibilidade, memória e nas formas de organização social. Ao adotar ponto de partida, o presente trabalho propõe compreender as telas não apenas como suportes técnicos, mas também como operadores simbólicos que modulam a experiência do tempo, do espaço e da coletividade.

Cinema: um primeiro olhar para o mundo

O surgimento do cinema como forma de expressão audiovisual no final do século XIX não pode ser dissociado de um contexto mais amplo de transformações nas

práticas comunicacionais e na construção de novas visualidades. Como destaca Barbosa (2013), a invenção da fotografia e do telégrafo alterou radicalmente as noções de tempo e espaço, inaugurando uma nova espacialidade e acelerando os fluxos de informação e imagem.

As imagens fotográficas, fixadas em suportes duradouros, ofereciam uma visualidade concreta e partilhável de rostos, lugares e acontecimentos até então imaginados ou descritos apenas por palavras. Esse cenário compõe o pano de fundo histórico no qual o cinema surge como tecnologia e linguagem, consolidando-se como a primeira tela a organizar e projetar esses elementos em movimento (Barbosa, 2013; Briggs; Burke, 2006).

Nesse processo, o cinema não apenas deu forma à narrativa audiovisual moderna, como também funcionou como mediador simbólico entre o espectador e o mundo, além de enfatizar o local da imagem em meio às narrativas e imaginários. A partir da invenção da câmera e do trabalho com a imagem em movimento, o cinema passou a oferecer uma nova experiência de consumo cultural, em que o público era convidado a acessar universos distintos do seu cotidiano:

A proximidade imagética transpõe os espaços físicos, multiplica o espaço fixado, reproduz como evidência um real que se transborda do que se vê por olhar, para um real que se vê por ter sido olhado e reproduzido, quase no mesmo hiato de tempo. (Barbosa, 2013, p. 167).

Como é possível observar a partir dos pensamentos de Canclini (1999), a tela do cinema possibilita um tipo de ampliação do horizonte cultural, atuando como porta de entrada para outras culturas e modos de vida. Para muitos, especialmente nos centros urbanos e periféricos da América Latina, o cinema foi o primeiro contato visual com realidades estrangeiras, imaginários nacionais e narrativas de ficcionalização do mundo. Trata-se, portanto, de uma experiência estética e cultural marcada por disputas de sentido, em que os sujeitos não apenas recebem as mensagens, mas também as interpretam, reconfiguram e as relacionam com suas próprias vivências.

Paralelamente, é possível observar dentro do contexto histórico como o cinema também trouxe transformações na sociabilidade urbana. Conforme discutido por Briggs e Burke (2006), os espaços de exibição cinematográfica (salas de cinema, dentre outros) foram fundamentais para o surgimento de novos modos de consumo coletivo da cultura,

funcionando como instâncias de encontro e partilha simbólica. A tela do cinema ocupava um lugar central na construção de uma cultura visual moderna, contribuindo para a formação de públicos, gostos e estilos de vida, dando início a esse percurso de telas e suas relações técnicas, sociais e comunicativas.

A televisão: narrativas e sociabilidades

A televisão, enquanto meio tradicional de comunicação, consolidou sua presença no século XX (Briggs; Burke, 2006), permanecendo como uma das principais telas do cotidiano, mesmo diante do avanço de dispositivos móveis e plataformas digitais. Longe de ser substituída, a TV se reinventa em meio aos novos formatos e lógicas de circulação, mantendo sua força como produtora de narrativas hegemônicas e espaços de sociabilidade.

Com suas evoluções técnicas marcadas na memória de muitos brasileiros, a televisão passou por diversas transformações até sua configuração atual. Seu papel vai além da (nada) simples transmissão de conteúdos audiovisuais: a televisão configura temporalidades coletivas, ritualiza o consumo midiático e ancora identidades culturais:

Como uma espécie de duplo, o público deixa de ser indivíduo mesmo dentro de casa, diante do novo móvel que ocupa lugar nobre na sua sala de visitas. O indivíduo dá lugar no ambiente privado da casa ao telespectador, diante de um aparelho, artefato de uma era que traz para dentro da casa imagens de um mundo de desejo e possibilidades, de ter objetos que, antes, só eram vistos quando se estava no mundo lá fora (Barbosa, 2013, p. 246).

Introduzida como um meio revolucionário e cheio de possibilidades, a televisão viveu, em sua primeira fase, o que os registros históricos denominam de fase elitista. Marcada pelo imprevisto, pela experimentação de uma nova linguagem e pela escassa disponibilidade de receptores, devido ao alto custo dos aparelhos, essa etapa inicial situava a televisão como um objeto nobre nos lares. Os chamados *televizinhos* recebiam visitas para assistir coletivamente aos programas (Barbosa, 2013), configurando uma sociabilidade em torno da tela e de acontecimentos tidos como históricos, a exemplo, a Copa do Mundo da Alemanha, em 1974 (Globo, 2021).

A partir de sua solidificação no contexto brasileiro, a televisão ganhou espaço com seus recortes do cotidiano, desta forma, criando lógicas narrativas próprias. Trata-se de uma linguagem que constrói rotinas visuais e cognitivas, baseadas na

previsibilidade e na familiaridade. No entanto, essa repetição precisa ser constantemente tensionada pela lógica do novo, do imediato e do extraordinário (Barbosa, 2013).

Como observa Barbosa (2013, p. 246), a televisão “ao mesmo tempo em que ajuda a mascarar o isolamento com o sentimento de construção de outra proximidade, num segundo nível ajuda a produzir uma noção de consenso numa sociedade que vive de maneira dispersa e atomizada”. Dentro dessa proximidade, a televisão ganhou um local privilegiado nos hábitos dos brasileiros.

Computador e Internet: do analógico ao digital

A invenção do computador, atrelada ao surgimento da internet, transformou profundamente o cenário social, abrindo caminho para a digitalização das informações e uma reorganização radical dos modos de comunicação, percepção e experiência social. Com a digitalização, formas e formatos até então impensados passaram a integrar o cotidiano, reconfigurando tempo e espaço de maneira inédita e progressiva, conforme as possibilidades tecnológicas de cada momento dessa evolução (Barbosa, 2013).

Como terceira tela no percurso midiático considerado neste trabalho, o computador foi central na modificação dos modos de acesso à informação, ao conhecimento e às formas de sociabilidade. Inicialmente visto como ferramenta técnica e profissional, passou a atuar como mediador cotidiano de experiências culturais, sociabilidade e entretenimento. Conforme aponta Dalla Costa (2020), os primeiros espaços de compartilhamento pessoal, os blogs, foram importantes precursores dessas novas formas de sociabilidade, servindo para fins pessoais, educacionais, profissionais dentre outros e um primeiro passo para as plataformas de redes sociais que temos na atualidade.

Canclini (2008) observa que os usos da rede foram sendo redefinidos ao longo do tempo: de uma decisão entre ter ou não acesso à internet, evoluiu-se para a busca por mais velocidade e conectividade, até sua incorporação como presença constante e ubíqua (inclusive nos dispositivos móveis), redefinindo fronteiras entre o local e o global no uso cotidiano da tecnologia.

A comunicação deixou de se ancorar exclusivamente em ritmos mais lineares e presenciais para se constituir em fluxos simultâneos, múltiplos e interativos (Barbosa,

2013). Desta forma, a interatividade, antes mais trabalhosa e demorada, ganha um aspecto mais rápido, onde as escolhas do usuário ficam mais evidentes:

Clicamos de um lugar para outro, em uma miríade de caminhos com potencial de rastrear um vasto mundo de informações. Esse processo de navegação é interativo. A navegação responde a nossas escolhas. A experiência de leitura ou de navegação não é predeterminada, carregando uma dose de aventura. (Santaella, 2008, p. 93).

A questão de armazenamento da informação também é deveras relevante, visto que como aponta Dalla Costa (2020) temos um volume crescente e incontável de dados, que cresce exponencialmente a todo instante. Esse armazenamento somado à velocidade com a qual nos habituamos trouxe uma intensa transformação social, sendo esta mudança centralizada no computador, que se torna um protagonista como aparato de operação de possibilidades na atualidade.

O smartphone: portabilidade e presença

Conhecido atualmente como *smartphone*, em virtude de sua estrutura integrada que faz ponte com outros aparatos tecnológicos, como o rádio, o computador, a câmera fotográfica, dentre outros aparatos, a telefonia passou por um grande percurso, até chegarmos a este dispositivo, que faz parte do trabalho, entretenimento e comunicação da atualidade (Dutra, 2016; Pellanda, 2005).

No contexto das transformações tecnológicas que moldam as formas de sociabilidade contemporâneas, o celular se destaca como um dispositivo central na consolidação da cultura digital no Brasil. Sua lógica de funcionamento, baseada em tecnologias sem fio, rompe com a necessidade de infraestrutura física fixa, o que possibilita maior abrangência de cobertura e conectividade. Como observa Pellanda (2005, p. 16), uma única base de telefonia celular pode atender a diversas linhas simultaneamente, o que garante flexibilidade e expansibilidade, elementos que contribuíram diretamente para a ampliação do acesso e a inclusão digital.

Mesmo diante de desigualdades estruturais e da necessidade de políticas públicas mais eficazes (Lemos; Marques, 2012) o país vivenciou importantes avanços no acesso à internet nos últimos vinte anos. As circunstâncias da pandemia de Covid-19 (2020-2023) impulsionaram a adoção destes dispositivos, dentre outros, nas lógicas

diárias, no que Kartajaya, Setiawan e Kotler (2021) colocam como aceleração digital motivada por necessidade, visto o distanciamento social imposto pela pandemia. Conforme justifica Dutra (2016) sobre adoção do dispositivo nos últimos anos:

Sucesso comercial da última década, os *smartphones* têm um tempo relativamente curto na história dos estudos sobre o consumo. Embora a tecnologia móvel tenha penetrado na cultura jovem com incidência maior nos estudantes de baixa renda, que têm no aparelho a única fonte de acesso à Internet, a rápida adoção da comunicação móvel pelos adolescentes começou a partir dos anos 2000, quando as operadoras de telefonia celular entraram em concorrência pelos melhores planos (Dutra, 2016, p. 110).

Podemos dizer que somos uma sociedade majoritariamente conectada, sobretudo por meio de tecnologias móveis, que operam não apenas como instrumentos de comunicação, mas como plataformas de acesso à informação, trabalho, lazer e produção cultural (Kenski, 2015). Nesse sentido, o celular não é apenas uma tela entre outras, mas um mediador da vida cotidiana, articulando mobilidade, conectividade e participação em redes sociais e informacionais.

Considerações finais

Ao observarmos o papel do cinema, da televisão, do computador e do celular como telas não apenas materiais, mas como elementos que atravessam a vida cotidiana, fica evidente os modos pelos quais tais dispositivos operam como mediadores de experiências individuais e coletivas. Cada um deles, em seu tempo e com suas lógicas técnicas e narrativas, contribuiu (e ainda contribui) para a reconfiguração do espaço social, da percepção de tempo e das formas de sociabilidade.

O cinema, considerado aqui como a primeira tela, marcou uma ampliação do horizonte cultural, permitindo que os espectadores acessassem novos mundos e realidades, muitas vezes distantes de suas vivências cotidianas. Sua força narrativa e imagética instaurou novas formas de ver, sentir e interpretar o mundo, sendo porta de entrada para dinâmicas culturais transnacionais.

A televisão, com seu caráter aglutinador e narrativas previsíveis com doses de surpresa, estruturou rotinas e criou sentidos de comunidade. O computador e a internet fragmentaram o fluxo comunicacional, ampliando as possibilidades de produção e participação cultural. Já o celular, especialmente o smartphone, incorporado ao corpo e

às práticas diárias, reforça a presença contínua da conectividade e da comunicação móvel, tornando-se uma extensão sensível e social do indivíduo.

Essas quatro telas, ao coexistirem no presente, permitem observar o cenário atual, composto de camadas comunicacionais sobrepostas, em que persistências e rupturas se entrelaçam. Dessa forma, é possível observar a importância de pensarmos as tecnologias não apenas como instrumentos técnicos, mas como extensões socioculturais que moldam práticas, relações e formas de ver o mundo.

Referências

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. **História social dos meios de comunicação**. Curitiba: InterSaberes, 2020.

DUTRA, Flora. A história do telefone celular como distinção social no Brasil. Da elite empresarial ao consumo da classe popular. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4798>. Acesso 25 abr. 2025.

KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan; KOTLER, Philip. **Marketing 5.0: Tecnologia para a humanidade**. Rio Janeiro: Sextante, 2021.

GLOBO. Copa do Mundo da Alemanha – 1974. **Site Memória Globo**, 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-da-alemanha-1974/noticia/copa-do-mundo-da-alemanha-1974.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2025.

KENSKI, Vani Moreira. Verbete Cultura Digital. **Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Editora Papirus, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/43844286/Verbetes_CULTURA_DIGITAL. Acesso em 03 out. 2024.

LEMOS, André; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. O Plano Nacional de Banda Larga Brasileiro: um estudo de seus limites e efeitos sociais e políticos. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós**, Brasília, v. 15, n. 1, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/765>. Acesso em: 12 jun. 2025

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Editora Vozes Limitada, 2014.

PELLANDA, Eduardo Campos. Comunicação móvel no contexto brasileiro. In: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (orgs.). **Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-18.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da estrutura das mídias às subculturas**. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. Paulus, 2013.